



Gustavo Pacheco
alguns
humanos

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

ÍNDICE

DOHONG	7
ALGUNS PRIMATAS	17
ZAKALY	31
HISTÓRIA NATURAL	37
KUEK	53
O AMANTE DA MULHER MAIS FEIA DO MUNDO	63
A EMANAÇÃO	73
DEUS NÃO VAI SE INCOMODAR	83
AS FORMIGAS	91
ALGUNS HUMANOS	105
<i>AMBYSTOMA MEXICANUM</i> OU O LABIRINTO INVISÍVEL	117

© 2018, Gustavo Pacheco
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Alguns Humanos*
Autor: Gustavo Pacheco
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Março de 2018

ISBN 978-989-671-424-6
Depósito Legal n.º 437224/18

Primeiro veio a febre. Depois, a falta de apetite. A febre foi embora logo, mas a falta de apetite continuou. Esses sintomas não eram especialmente dignos de nota, e não foram notados por ninguém. No entanto, os dias passaram e Dohong foi ficando cada vez mais ensimesmado e deprimido. O desinteresse pela comida foi se tornando desinteresse por tudo o mais. Onze dias depois de a febre ter ido embora, ela voltou, mais forte, acompanhada por secreções purulentas nos olhos e no nariz. Sem comer, Dohong enfraquece rapidamente.

Dohong era pequeno demais para se lembrar, mas Sikey também sofreu de falta de apetite pouco antes de morrer. Nada menos de trinta pratos diferentes tinham sido preparados especialmente para ela ao longo de uma semana, e Sikey rejeitou todos. Às vezes tinha acessos de cólera, berrava e jogava os pratos em quem aparecesse pela frente, mas na maior parte do tempo ficava quieta com seus pensamentos, com a cara solene de quem se acha com a razão, os olhos encovados faiscando. Dohong, uma miudeza, agarrava o cabelo vermelho de Sikey com seus dedos pequenos mas firmes, e observava com terror o mundo ao seu redor.

Quando ficou claro para todos que a morte de Sikey era apenas questão de tempo, e que Dohong definhava

junto com a mãe, tiveram que separá-los. A fúria de Sikey alcançou dimensões bíblicas, e quem testemunhou seus ataques de brutalidade desesperada jamais se esquecerá deles. Logo o cansaço a venceu, e ela passou três dias sem comer e sem se mover, até expirar calmamente. Após a morte de Sikey, Dohong ficou duas semanas entre a vida e a morte, e houve quem anunciasse que estava tudo perdido. No entanto, o bebê aceitava pequenas quantidades de leite, e começou a ganhar peso, de forma lenta mas contínua. Dois meses depois, já comia frutas e mingau de arroz. Era um sobrevivente.

Deitado no chão áspero, debilitado e sentindo que os músculos fogem ao seu controle, Dohong sofre a mesma inapetência que sua mãe padeceu antes de morrer, mas agora a causa é outra. Sikey morreu de desgosto. Deixou-se extinguir, vencida pela tristeza do exílio. Dohong não teve tempo de conhecer sua terra natal. O que vai matá-lo não é a saudade, mas um surto de cinomose, que antes de ser descoberto e combatido matará mais cinco de seus companheiros de jaula.

É sabido e consabido que todo ser humano, no momento da morte, revê sua vida inteira em um instante infinitesimal, como se fosse um filme em altíssima velocidade. Porém, cego por sua soberba de espécie que se crê especial, o *Homo sapiens* ignora que o mesmo acontece com todos os primatas superiores, incluindo, é claro, os orangotangos. É o que Dohong vai descobrir agora.

Dohong vai morrer com seis anos. É pouco, muito pouco, já que um orangotango em cativeiro pode atingir dez ve-

zes essa idade. No entanto, e apesar de ter passado a maior parte de sua vida no Zoológico do Bronx, Dohong viveu o bastante para ter o que lembrar na hora de sua morte.

Dohong não tem lembranças das florestas de Kalimantan, onde foi capturado aos três meses de idade, junto com sua mãe. Nem da longa e dura travessia nos porões abarrotados do *Graf Waldersee*, com mais 740 humanos que, como ele, começariam vida nova no Novo Mundo, no ano do Senhor de 1906. No mesmo navio, também vieram para o Zoológico do Bronx um casal de mandris, três lêmures e uma chimpanzé. Pobres mandris e lêmures; não tinham carisma, empatia com os humanos ou apelo publicitário suficientes para receberem um nome. Mas a chimpanzé sim: Polly.

A Polly pertencem as lembranças mais antigas de Dohong. Amigos desde sempre, companheiros na orfandade e no cativeiro, as afinidades, os afetos e as carências se sobrepondo às barreiras de gênero e espécie. Era comum que Polly passasse longas horas na jaula de Dohong. Mesmo quando estavam em jaulas separadas, não passavam muito tempo sem se comunicarem um com o outro, em um idioma próprio que só eles entendiam.

Polly estava ao seu lado no dia em que Dohong inventou a alavanca. Nas paredes da jaula havia algumas barras horizontais de madeira, de quatro centímetros de espessura, presas em cantoneiras de ferro fundido. Uma delas havia se quebrado, e Dohong brincava com um dos pedaços. Mexe daqui, mexe dali, acabou enfiando o pedaço de pau entre uma das barras e a parede. Foi só questão de tempo até que a enorme força muscular de Dohong, amplificada

cantou a frase duas, três vezes. Cantou-a novamente, harmonizando-a com um acorde menor. Percebeu que a frase naturalmente pedia uma continuação, como as perguntas pedem respostas.

Gustavo Pacheco nasceu no Rio de Janeiro em 1972. É doutor em Antropologia pelo Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Traduziu para português obras de Roberto Arlt, Julio Ramón Ribeyro e Patricio Pron. É diplomata, e trabalhou em Buenos Aires, na Cidade do México e em Brasília, onde vive actualmente.

AGRADECIMENTOS

No Brasil: Ademir Assunção, Adriana Schneider Alcure, Carlos Henrique Schroeder, Chantal Castelli, Daniel Bueno, Diogo Almeida, Georgiana Góes, Guilherme Sá, Joana Cavalcanti de Abreu, Joca Reiners Terron, Jorge Viveiros de Castro, Martha Abreu, Milton Hatoum, Patrick Pessoa, Pedro Miranda, Raphael Berendt, Ricardo Cotrim, Ricardo Lísias, Ricardo Rizzo, Roberto Lanari, Rodrigo Garcia Lopes, Silvia Hunold Lara.

Na Argentina: Andrea Alvarez, Ciro Korol, Federico Lisica, Juan Forn, Laura Cukierman, Maria Eugenia Barbosa, Pablo Markevich, Samantha Schweblin, Sebastián Masquelet.

No México: Luigi Aimara, Paula Abramo, Rafael Toriz.

Na Alemanha: Karl Schilling, Ricardo Domeneck.

Em Portugal: Bárbara Bulbosa, Carlos Vaz Marques.

Em qualquer lugar: Alice Lanari.

alguns humanos

foi composto em caracteres HoeflerText
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica,
sobre papel Coral Book de 90 g,
em Fevereiro de 2018.